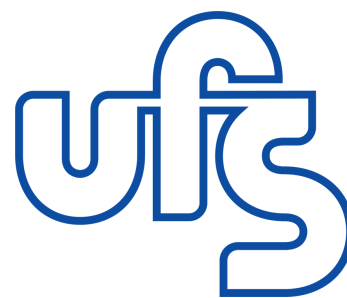


MAIO 2022
RADAR N°3



PERFIL DO EGRESSO

Universidade Federal de Sergipe

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
SUPERINTENDÊNCIA DE INDICADORES DE DESEMPENHO INSTITUCIONAL
COORDENAÇÃO DE ESTUDOS E MONITORAMENTO DE DADOS INSTITUCIONAIS

Prof. Dr. Valter Joviniano de Santana Filho

Reitor

Prof. Dr. Rosalvo Ferreira Santos

Vice-Reitor

SUPERINTENDÊNCIA DE INDICADORES DE DESEMPENHO INSTITUCIONAL

Prof. Dr. Kleber Fernandes de Oliveira

Superintendente de Indicadores de Desempenho Institucional

COORDENAÇÃO DE ESTUDOS E MONITORAMENTO DE DADOS INSTITUCIONAIS

Eduardo Keidin Sera

Coordenador de Estudos e Monitoramento de Dados Institucionais

Silvania Couto da Conceição

Chefe de Avaliação e Monitoramento Institucional

Equipe Técnica:

Andreza Cristina Menezes Ferreira

Gláucia Araújo Santos Lopes

Glecio Lucas dos Santos Gomes

João Guilherme Arcoverde Ribeiro

São Cristóvão - SE

2022

Resumo

Esta edição do Radar apresenta à comunidade acadêmica o perfil do discente egresso da Universidade Federal de Sergipe. Foi constatada uma maior participação de ex-alunos do sexo feminino, pessoas com faixa etária entre os 26 e 30 anos, com predomínio de oriundos do CCET e do CECH (Campus São Cristóvão). Acumulativamente, cerca de 46% dos respondentes informaram não estar trabalhando (com pretensão de atuar ou não). Os Campi da Saúde (Aracaju e Lagarto) apresentaram maior proporção de egressos empregados (ultrapassando os 70%). O trabalho remoto tem sido uma das principais dificuldades enfrentadas na pandemia da SARS-COV-2 (COVID-19) pelos participantes desta pesquisa. Aproximadamente 25% dos participantes acreditavam que há um conjunto de desafios para os futuros formandos (desemprego elevado, falta de experiência, poucas habilidades desenvolvidas, entre outros). Nos comentários, há uma maior demanda por atividades práticas preparatórias para o mercado de trabalho (como estágios, por exemplo) durante a graduação e a expectativa de muitos é a inserção no mercado de trabalho na própria área de formação.

Palavras-chave: Perfil do egresso, análise de agrupamento, mercado de trabalho, Universidade Federal de Sergipe.

Lista de ilustrações

Gráfico 1 – Continuação da Vida Acadêmica dos alunos egressos	10
Gráfico 2 – Proporção de egressos sem emprego, por Centro/ <i>Campus</i>	11
Gráfico 3 – Proporção de egressos que não conseguiram emprego na área de formação por Campus/Centro	13
Gráfico 4 – Proporção de respondentes que alegaram a pouca experiência como dificul- dade de inserção no mercado de trabalho, por Centro/ <i>Campus</i>	14
Gráfico 5 – Fatores associados à sua satisfação profissional	15
Gráfico 6 – Expectativas do Mercado de Trabalho	15
Gráfico 7 – Proporção de Empregados em sua área de formação por Centro/ <i>Campus</i> . .	16
Gráfico 8 – Nuvem de Palavras – Aspectos da Formação Profissional a serem melhorados	18
Gráfico 9 – Dendrograma - Aspectos da Formação Profissional a serem melhorados . .	18
Gráfico 10 – Nuvem de Palavras – Expectativas da área de Formação Profissional	19
Gráfico 11 – Dendrograma – Expectativas da área de Formação Profissional – Egressos/UFS	19

Lista de tabelas

Tabela 1 – Caracterização do corpo discente egresso	9
Tabela 2 – Emprego <i>versus</i> Continuidade de estudos	11
Tabela 3 – Motivos do egresso não trabalhar na área de formação	12
Tabela 4 – Dificuldades do egresso no Mercado de Trabalho	13
Tabela 5 – Período até trabalhar em sua área de formação	16
Tabela 6 – Dificuldades enfrentadas pela pandemia do SARS-COV-2 (COVID-19) . . .	17
Tabela 7 – Maiores desafios para os futuros formados	17

Lista de abreviaturas e siglas

CCAA	Centro de Ciências Agrárias Aplicadas
CCBS	Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
CCET	Centro de Ciências Exatas e Tecnologia
CCSA	Centro de Ciências Sociais e Aplicadas
CECH	Centro de Educação e Ciências Humanas
CESAD	Centro de Educação Superior a Distância
UFS	Universidade Federal de Sergipe

Sumário

1	INTRODUÇÃO	7
2	METODOLOGIA	8
3	RESULTADOS	9
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
	REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

Este documento apresenta uma síntese dos resultados da pesquisa direcionada ao perfil dos egressos dos cursos de graduação da UFS, com integralização entre 2018 a 2020, com o objetivo de fornecer subsídios à instituição para implementar melhorias no ensino, como por exemplo, a atualização dos currículos ante às necessidades da sociedade e da geração de novos conhecimentos técnicos/tecnológicos para o exercício da profissão.

Justificada pela da necessidade de atualização das informações dos ex-alunos, uma vez que o último relatório captou dados de egressos entre 2004 até 2013 e "evidenciou a contribuição da UFS para a formação intelectual"(OLIVEIRA et al., 2014) - ressaltamos a importância em darmos continuidade ao monitoramento do desempenho dos concludentes na vida pós-universitária. Além do *update*, o formulário aplicado nesta pesquisa possuiu uma complexidade maior comparado com o de 2014, pois foram levantadas mais informações dos egressos e suscitou questões oriundas do período pandêmico, ocasionado pela COVID-19.

O trabalho foi dividido em três etapas: metodologia, onde foi apresentado o conceito de Análise de Agrupamento (técnica estatística multivariada); resultados, onde foram apresentadas as estatísticas descritivas e as associações criadas a partir dos dados; e, por último, as considerações finais.

2 METODOLOGIA

A metodologia abordada é quantitativa, pautada nos dados do Corpo Discente de natureza primária. A análise dos dados foi dividida em dois eixos: análise descritiva, que é a descrição do comportamento dos dados; e a análise de agrupamento, que é uma técnica estatística multivariada. O público-alvo da pesquisa foi composto por discentes que integralizaram o curso nos anos letivos de 2018 até 2020, visto que o ano letivo de 2021 ainda estava em vigor até a conclusão da fase de coleta de dados.

O levantamento ocorreu no período entre 19 de novembro e 17 de dezembro de 2021. O procedimento consistiu em enviar mensagem eletrônica aos egressos da instituição (de acordo com o e-mail cadastrado no sistema da UFS), onde 2.350 alunos responderam (de um total de 7.521 discentes concludentes). Essa quantidade representa pouco mais de 31% do total dos egressos com endereço eletrônico disponíveis. Ressalta-se que pesquisas dessa natureza podem apresentar baixo nível de resposta, entretanto, o retorno obtido demonstra um positivo interesse por parte dos ex-alunos em colaborar com a UFS, prestando desobrigadamente tais informações. Todavia, destaca-se uma possibilidade de viés de seleção do público participante, embasada no fato desses respondentes serem mais sensíveis à relevância desta pesquisa.

Segundo [Hair et al. \(2009\)](#), a Análise de Agrupamentos tem por objetivo separar dados em grupos, com base nas características destas informações, ou seja, agrupar dados semelhantes em um mesmo grupo baseado em determinado critério orientado por uma função de similaridade, ou dissimilaridade. O método de agrupamento selecionado para esse relatório foi o hierárquico que, para definir o número de grupos, utiliza-se de métricas de distância e critérios de ligação para assim obter o melhor desempenho.

Para as informações qualitativas (especificamente para as perguntas subjetivas) utilizou-se o *Text Mining* (nuvem de palavras) para identificar palavras que foram mais citadas. Posteriormente, foi apresentado um diagrama que relaciona as observações de acordo com o nível de similaridade ou correlação entre eles, o dendrograma, com o intuito de auxiliar no agrupamento de palavras correlatas (e identificar expressões e até frases). Todas as análises foram realizadas no software estatístico livre *R (R-Project 4.0.4)*.

3 RESULTADOS

Observa-se que o perfil do egresso compõe-se majoritariamente por indivíduos do sexo feminino (57% ou 1339 indivíduos), com faixa etária inferior a 30 anos (mais de 69%), tal que 733 indivíduos possuíam entre 20 e 25 anos e 899 pessoas entre 26 e 30 anos. Proporcionalmente, observa-se predomínio de egressos do *Campus* de São Cristóvão (cerca de 71%), valor coerente com a maior quantidade de cursos da UFS. Além disso, mais de 50% concluíram o curso entre 2020 e 2021. Contudo, aqui cabe uma ressalva: o questionário foi enviado para pessoas que integralizaram entre 2018 e 2020, mas a disjunção dos calendários acadêmico e civil (oriundo de greves e também da COVID-19) provavelmente tenha favorecido o equívoco cometido por algumas pessoas quanto a essa informação. Os resultados podem ser observados na Tabela 1:

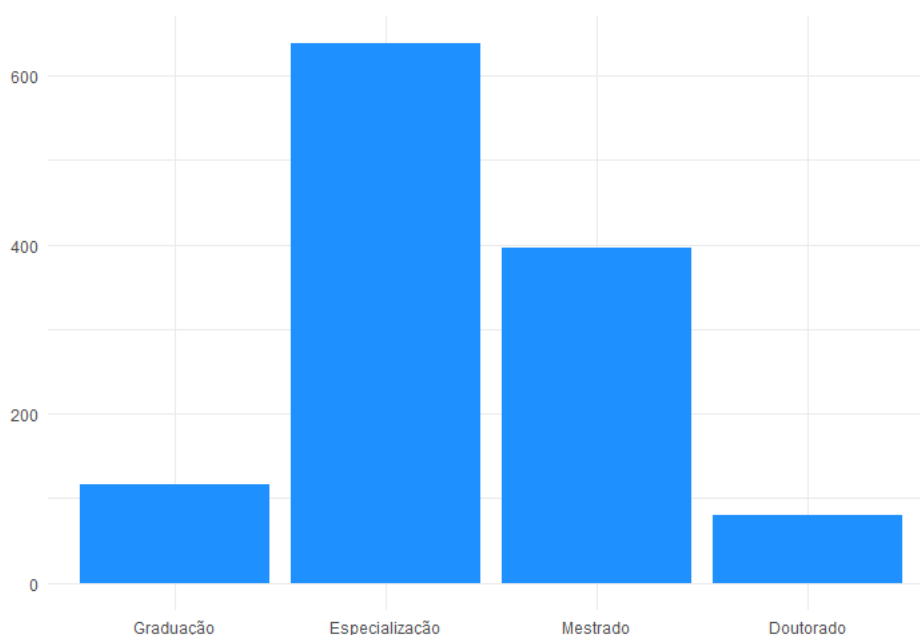
Tabela 1 – Caracterização do corpo discente egresso

Variável	Resposta	Quantidade	Proporção
Sexo	Feminino	1339	57,08%
	Masculino	1007	42,92%
Faixa Etária	20 a 25 anos	733	31,19%
	26 a 30 anos	899	38,26%
	31 a 35 anos	295	12,55%
	36 a 40 anos	179	7,62%
	Mais de 40 anos	244	10,38%
Centro/ <i>Campus</i>	Aracaju	177	7,53%
	Itabaiana	140	5,96%
	Lagarto	124	5,28%
	Laranjeiras	79	3,36%
	Nossa Senhora da Glória	55	2,34%
	CCAA	105	4,47%
	CCBS	198	8,43%
	CCET	440	18,72%
	CCSA	326	13,87%
	CECH	595	25,32%
CESAD	111	4,72%	
Ano de Conclusão	até 2017	83	3,53%
	2018	331	14,09%
	2019	730	31,06%
	2020 ou 2021	1206	51,32%
Total de egressos respondentes		2350	100,00%

Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

Questionados sobre a continuidade dos estudos após o término da graduação, pode-se observar que aproximadamente metade (47,62%) dos egressos não estava estudando em cursos de pós-graduação (*lato sensu e stricto sensu*) nem em outro curso de graduação. Em contrapartida, a maioria dos respondentes afirmou seguir na vida acadêmica, tal que, destes, a maior parcela estavam na especialização (51,8% ou 638 pessoas), seguido de mestrado (32,2% ou 397 pessoas). Outras 116 pessoas (ou 9,4%) cursavam outra graduação e 6,5% estavam no doutorado. Ressalta-se que, para estes cálculos, foi considerado o curso de maior grau acadêmico conforme pode ser observado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Continuação da Vida Acadêmica dos alunos egressos



Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

A pergunta seguinte inquiriu sobre a atuação no mercado de trabalho, mais especificamente, a quantidade de empregos da pessoa respondente. Mais de 65% dos participantes declararam estarem empregados no momento da pesquisa e, destes, 18% possuíam mais de um emprego. Referente à principal fonte de renda, cerca de 69% declararam trabalhar na área de formação. Além disso, 80% dos egressos trabalhavam no estado de Sergipe e 1,5% trabalhavam no exterior.

Por outro lado, o índice de ex-alunos que não trabalhavam totalizou 34,7%. Deste grupo, aproximadamente 43% também informaram não estudar (consequentemente, 57% das pessoas que não trabalhavam estavam estudando). De acordo com a Tabela 2, também é possível observar que 32,5% das pessoas estavam empregadas e estudavam. Essa proporção é praticamente a mesma das pessoas que trabalhavam e deixaram de estudar (32,8%).

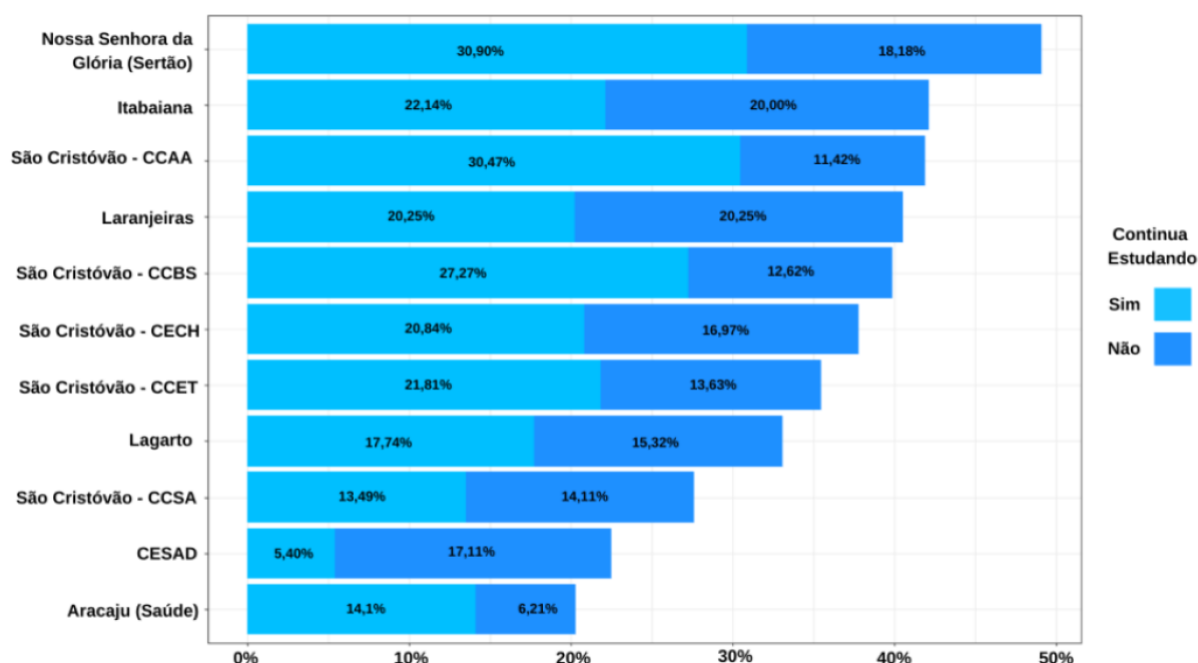
Tabela 2 – Emprego *versus* Continuidade de estudos

Tem emprego	Continua estudando	
	Sim	Não
Sim	764 (32,5%)	772 (32,8%)
Não	467 (19,9%)	347 (14,8%)

Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

Para maior clareza e considerando a realidade distinta entre Centros/*Campi*, o Gráfico 2 apresenta a proporção de ex-alunos que ainda não conseguiram emprego, distinguindo-os daqueles que deram continuidade aos estudos ou não. Destaca-se o *Campus* de Nossa Senhora da Glória, tal que 49,08% dos respondentes ainda não conseguiram emprego (18,18% nem trabalham nem estudam e 30,90% não trabalham mas estudam). Os *Campi* de Itabaiana e Laranjeiras, assim como o CCAA também apresentaram mais de 40% de ex-alunos sem emprego. Contudo, a grande maioria do egressos do CCAA continuam estudando: 11,42% não trabalhavam nem estudavam e 30,47% que não trabalhavam mas continuavam estudando, ou seja, entre as pessoas sem emprego, quase 73% estavam estudando no momento da pesquisa. Essa mesma observação ocorreu com o CCBS: elevado índice de pessoas que não trabalhavam (39,89%), mas a maioria desse grupo continuou os estudos.

Gráfico 2 – Proporção de egressos sem emprego, por Centro/*Campus*



Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

Por outro lado, diplomados dos cursos de Aracaju apresentaram a maior proporção de pessoas empregadas no momento da pesquisa: 79,69%. Apesar do CESAD também apresentar baixa proporção de pessoas sem emprego, é o que apresentou, proporcionalmente, o maior índice de participantes que não estudavam, em relação às que não possuem emprego. O índice de pessoas sem emprego e não estudavam (17,11%) é praticamente o triplo do índice de pessoas que não trabalhavam, mas continuaram estudando (5,40%).

Finalmente, questionados sobre não atuar na própria área de formação ou se deseja trabalhar em outra área (Tabela 3), 34,4% responderam que o motivo de não trabalhar na própria área de formação foi a falta de oportunidade, 13,2% responderam que o motivo de trabalhar em outra área foram por melhores salários e aproximadamente 10% justificou que o motivo de não atuar na área de formação foi decorrente da pandemia da COVID-19. Ressalta-se que, para esta pergunta, as pessoas puderam optar por mais de um motivo. Além disso, é importante destacar que 41,3% não apresentaram motivo(s) por estarem satisfeitos com a atuação na própria área de formação.

Tabela 3 – Motivos do egresso não trabalhar na área de formação

Motivo	Quantidade	Proporção
Não consegui emprego	808	34,4%
Por encontrar melhor salário em outra área	311	13,2%
Pandemia SARS-COV-2 (COVID-19)	241	10,3%
Por encontrar melhores condições de trabalho	233	9,9%
Não me sinto seguro de atuar na área	150	6,4%
Para complementar a renda domiciliar e/ou familiar	139	5,9%
Não gostei de atuar na área	87	3,7%

Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

Devido à quantidade elevada de egressos que não conseguiram emprego na própria área de formação, uma análise mais detalhada pode ser observada no Gráfico 3, que representa esta proporção para cada Centro/Campus. Assim, percebe-se que apenas egressos dos Campi da Saúde (Aracaju, com 14%, e Lagarto com 21%) apresentaram proporção abaixo de 25%, em relação a não conseguirem emprego por falta de oportunidade. Em contrapartida, diplomados dos cursos ofertados em Itabaiana apresentaram o maior percentual: quase 50% não trabalham na área de formação por falta de vagas no mercado de trabalho, seguido do CCBS (41%), CESAD (38%) e, com 37%, CCET e Campus de Laranjeiras.

Gráfico 3 – Proporção de egressos que não conseguiram emprego na área de formação por Campus/Centro



Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

As poucas oportunidades de emprego, além de se destacarem como um dos principais motivos para a pessoa egressa não conseguir emprego, apresentou o maior índice quando questionado sobre o principal obstáculo encontrado no mercado de trabalho, com 38,55%. Somada à qualificação e/ou experiência exigida (24,47%) e à baixa remuneração (22,64%), estas três barreiras representam mais de 85% das principais dificuldades retratadas (Tabela 4).

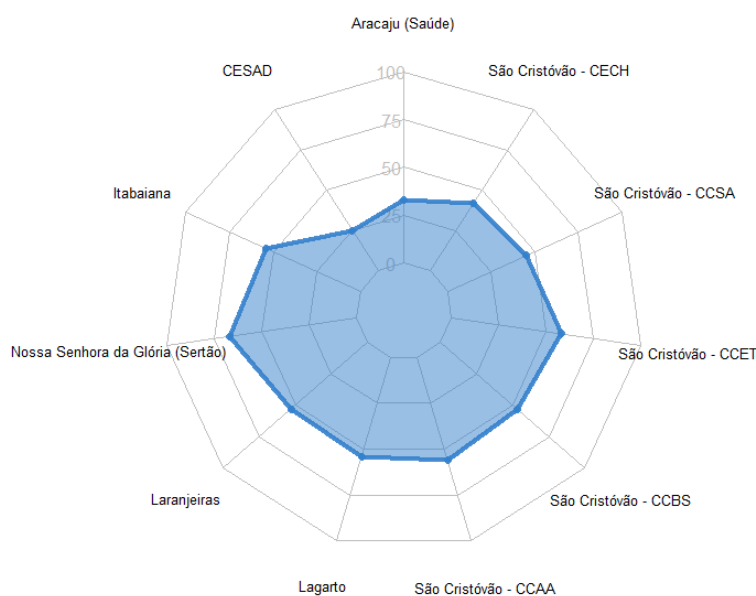
Tabela 4 – Dificuldades do egresso no Mercado de Trabalho

Variável	Resposta	Quantidade	Proporção
Inserção	Exigência de experiência profissional	1128	48,00%
	Pouca oportunidade no mercado de trabalho	1089	46,34%
	Pouco concurso público e poucas vagas	1034	44,00%
	Processos seletivos para contratação não idôneos	427	18,17%
	Pandemia SARS-COV-2 (COVID-19)	423	18,00%
	Não encontrou dificuldades	331	14,09%
	Não exerceu a profissão	179	7,62%
Atuais	Pouca oportunidade de emprego	906	38,55%
	Qualificação e/ou experiência necessária para o cargo	575	24,47%
	Remuneração	532	22,64%
	Carga horária	79	3,36%
	Outros	258	10,98%

Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

Entre as principais dificuldades enfrentadas pelos egressos, em relação à **inserção** no mercado, estão: exigência de experiência profissional (48,00%), pouca oportunidade no mercado de trabalho (46,34%), poucos concursos públicos e poucas vagas (44,00%), processos seletivos para contratação não são completamente idôneos (18,17%), pandemia SARS-COV-2 (18,17%), não exerceu a profissão (7,62%). Apenas 14,09% relataram não encontrar dificuldades para atuar no mercado de trabalho. As poucas oportunidades e as poucas vagas remetem ao mesmo problema já retratado (motivo de não atuar na área de formação e principal obstáculo ao mercado de trabalho). Contudo, a exigência de experiência profissional, por ser o maior destaque, foi melhor detalhada conforme Gráfico 4.

Gráfico 4 – Proporção de respondentes que alegaram a pouca experiência como dificuldade de inserção no mercado de trabalho, por Centro/*Campus*



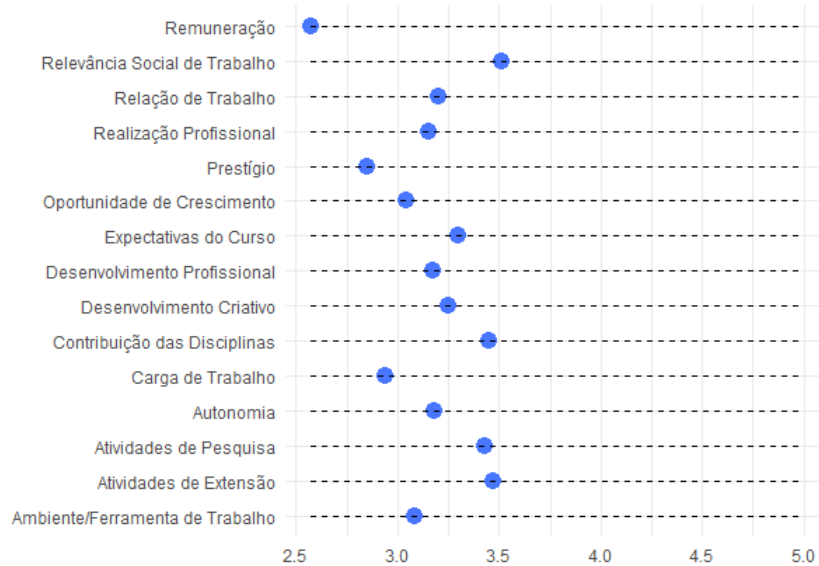
Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

Diplomados do *Campus* do Sertão apresentaram a maior proporção de respondentes (67%) que alegaram a necessidade de experiência profissional como uma dificuldade para inserção no mercado de trabalho. Todavia, apenas 25% dos concluintes dos cursos a distância informaram esta dificuldade. Egressos do *Campus* de Aracaju também apresentaram baixo índice, com 33%. Os demais Centros/Campi ficaram com proporção próxima de 50%.

No Gráfico 5 é possível observar os fatores associados à satisfação profissional do egresso. Ressalta-se que, para este conjunto de itens, cada fator foi classificado entre 1 (muito insatisfeito) a 5 (muito satisfeito). Percebe-se uma maior satisfação com a relevância social do trabalho, com valor médio de 3,5. A contribuição das disciplinas e as atividades de pesquisa e extensão também apresentaram valores médios próximos a 3,5. Por outro lado, a remuneração salarial foi o fator

com a menor média. Outros dois itens também ficaram com avaliação média abaixo de 3,0 pontos: prestígio e carga horária.

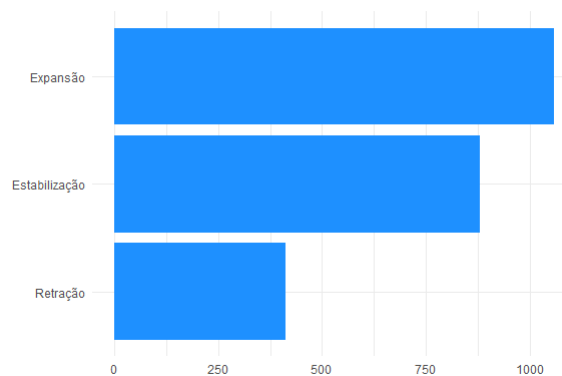
Gráfico 5 – Fatores associados à sua satisfação profissional



Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

A seguir, os participantes foram inquiridos sobre a expectativa para o mercado de trabalho, na própria área de formação. De acordo com o Gráfico 6, é possível observar que quase metade dos egressos (45,3%) acreditavam numa expansão para os próximos 5 anos enquanto menos de 18% acreditavam numa retração da área. os demais 37,3% informaram crer que não haveria alterações significativas em relação à atual conjectura.

Gráfico 6 – Expectativas do Mercado de Trabalho



Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

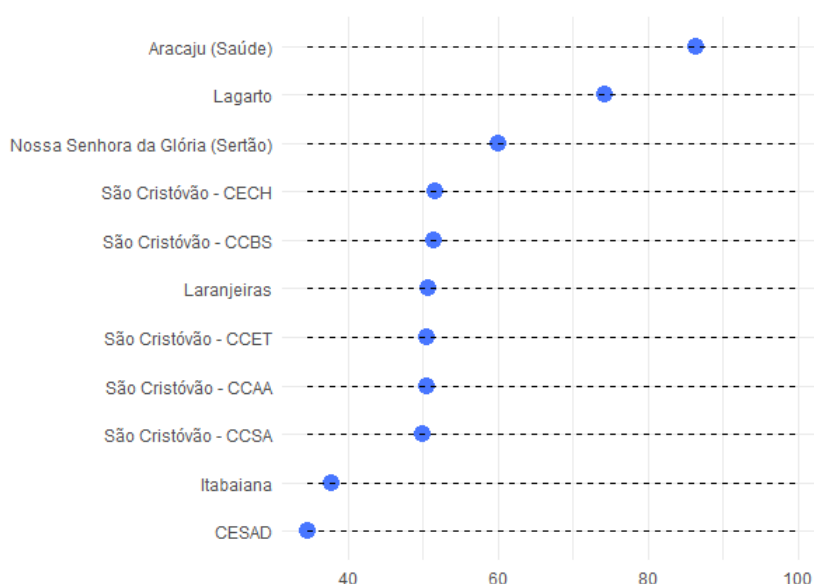
Na Tabela 5 é possível observar que aproximadamente 46% respondeu não trabalhar na área de formação (39,36% pretende atuar na área e 7,19% não pretende atuar na área), 34,34% esperou um período de até 6 meses para atuar na área de formação, enquanto aproximadamente 19% esperou por um período superior a 6 meses.

Tabela 5 – Período até trabalhar em sua área de formação

Período	Quantidade	Proporção
Até 6 meses	807	34,34%
De 6 meses a 1 ano	237	10,09%
De 1 ano a 2 anos	147	6,26%
Mais de 2 anos	65	2,77%
Não estou atuando na minha área de formação, mas pretendo	925	39,36%
Não estou atuando na minha área de formação e não pretendo	169	7,19%

Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

No Gráfico 7, observa-se a proporção de alunos egressos que conseguiu emprego na área de formação. Os *Campi* de Aracaju e Lagarto - ambos da área da saúde - apresentaram as maiores proporções, com 86% e 74% respectivamente. Os Centros do *Campus* de São Cristóvão apresentaram proporções próximas de 50% dos egressos que conseguiram emprego na área de atuação. O *Campus* de Itabaiana e o CESAD foram os únicos que apresentaram proporções abaixo de 40%.

Gráfico 7 – Proporção de Empregados em sua área de formação por Centro/*Campus*

Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

Na Tabela 6, percebe-se que a maior dificuldade para os egressos, durante a pandemia da COVID-19, foi o trabalho remoto (28,89%), seguido pelos obstáculos de inserção no mercado

de trabalho - baixa contratação (24,00%) e pela readaptação de processos - migração para plataformas digitais (23,23%). Somente 6,51% relataram não sentirem impacto da pandemia no mercado de trabalho.

Tabela 6 – Dificuldades enfrentadas pela pandemia do SARS-COV-2 (COVID-19)

Dificuldades	Quantidade	Proporção
Trabalho remoto	679	28,89%
Maiores obstáculos para se inserir no mercado de trabalho	564	24,00%
Readaptação de processos (Migração para as plataformas digitais)	546	23,23%
Medidas preventivas de proteção dos clientes e trabalhadores	274	11,66%
Não houve impacto na minha área de atuação	153	6,51%
Outros	134	5,70%

Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

Na Tabela 7 são apresentados os maiores desafios para os futuros formados de acordo com os egressos que responderam. Cerca de 23% acredita que o maior dos desafios para os futuros formados na área será o elevado índice de desemprego, seguido pela falta de experiência (22,34%), pelo desequilíbrio nos âmbitos social, político e econômico (17,32%) e por poucas habilidades desenvolvidas (8,68%). Ainda, aproximadamente 25% crê que todos os motivos citados anteriormente serão bastante desafiadores para eles. Somente 2,13% das pessoas responderam não haver maiores desafios aos futuros formados.

Tabela 7 – Maiores desafios para os futuros formados

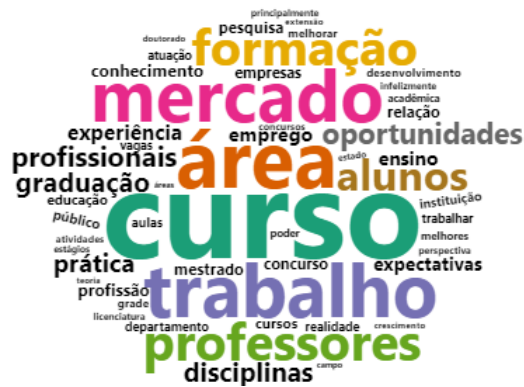
Período	Quantidade	Proporção
Elevado índice do Desemprego	542	23,06%
Falta de Experiência	525	22,34%
Desequilíbrio nos âmbitos social, político e econômico	407	17,32%
Poucas habilidades desenvolvidas	204	8,68%
Todos os citados anteriormente	581	24,72%
Outros	41	1,74%
Nenhum	50	2,13%

Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

Ao término do questionário, houve duas perguntas subjetivas (e não obrigatórias) para que as pessoas pudessem se expressar sobre os aspectos inqueridos: melhorias e expectativas da formação profissional. No questionamento sobre as melhorias nos aspectos da formação profissional, percebe-se uma maior demanda por atividades práticas e preparatórias para o mercado de trabalho, sendo esses alguns dos termos mais citados.

Na pergunta sobre as expectativas da área de formação profissional destacam-se termos relacionados à oportunidades profissionais na área no mercado de trabalho. No Gráfico 10 é apresentado uma nuvem de palavras destacando os termos mais comentados relacionados às expectativas da formação profissional por parte dos alunos egressos. A principal expectativa é estar atuando na área de formação no mercado de trabalho, embora não seja encontrada alguma associação entre alguns vocábulos.

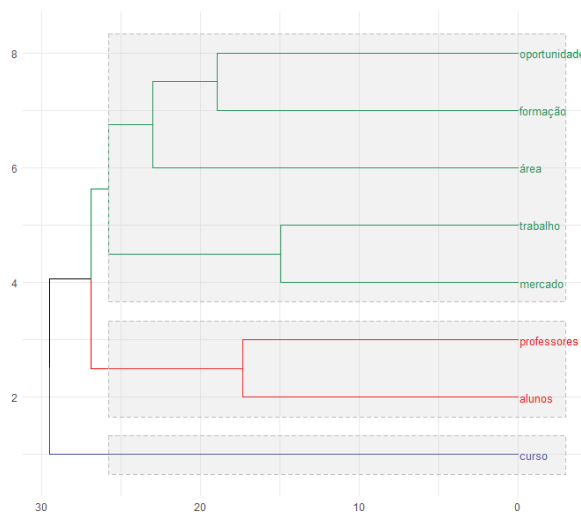
Gráfico 10 – Nuvem de Palavras – Expectativas da área de Formação Profissional



Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

O dendrograma (Gráfico 11) corrobora com o resultado na nuvem de palavras apresentado anteriormente. Há uma associação forte entre palavras *trabalho*, *mercado*, *oportunidades*, *área* e *formação*, onde há bastante expectativa em atuar na área de formação no mercado por parte dos egressos. A palavra *curso* foi a mais citada nas respostas dos alunos, mas como pode ser visto no dendrograma ela não tem qualquer relação com as outras palavras mais comentadas, pois encontra-se sozinha no terceiro grupo.

Gráfico 11 – Dendrograma – Expectativas da área de Formação Profissional – Egressos/UFS



Fonte: CEMDI/SIDI (2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises aqui sintetizadas evidenciam uma dificuldade da pessoa formada para inserir-se no mercado de trabalho (seja na própria área de formação ou não), uma vez que quase metade dos respondentes afirmou não trabalharem.

Outra informação relevante é que aproximadamente 44% das pessoas conseguiram encontrar trabalho na área até um ano da conclusão do curso de graduação e pouco mais de 9% aguardou mais de um ano para poder trabalhar na área. Em uma escala de 1 a 5 em um conjunto de fatores associados à satisfação profissional, os resultados mais positivos foram em relevância social do trabalho, contribuição das disciplinas, atividades de pesquisa e atividades de extensão, permitindo mostrar que a UFS tem influência direta na satisfação do discente egresso.

Uma análise mais detalhada, por Centro/*Campus*, permitiu averiguar que, de acordo com os participantes, diplomados do *Campus* do Sertão foram os que mais apresentaram dificuldades em ingressar no mercado de trabalho: quase metade não estava empregada e obteve a maior proporção de pessoas que julgaram a pouca experiência como empecilho. Por outro lado, egressos do *Campus* de Aracaju foram os que, proporcionalmente, apresentaram menos dificuldades, tal que quase 90% atua na própria área de formação.

Destaca-se uma carência maior por atividades práticas preparatórias para o mercado de trabalho, o que vai de encontro à visão de alguns educadores de que só existe o dever de formar pesquisadores. Mesmo com uma quantidade de atividades desenvolvidas apenas para a parte prática dos cursos, ainda há uma demanda por mais (o que poderia facilitar a inserção dos ex-alunos no mercado de trabalho).

De maneira geral, os resultados apresentados podem contribuir com a universidade no sentido de elaborar /propor políticas para garantir que o egresso tenha ainda mais sucesso na própria área de formação.

REFERÊNCIAS

HAIR, J. F. et al. *Análise Multivariada de Dados*. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. 682 p. Citado na página 8.

OLIVEIRA, K. F. de et al. *Radar 5: egressos 2004-2013*. 2014. Disponível em: <<https://indicadores.ufs.br/pagina/24226>>. Acesso em: 03 mai 2022. Citado na página 7.